

Nacionalismo extremo e uma moral conflitante em “Ciclope” de *Ulisses*

Thaís Freire Roberto¹

Resumo: Este trabalho propõe uma leitura dos principais temas morais do décimo segundo capítulo de *Ulisses* de James Joyce. Primeiramente, foi realizada uma análise do personagem Cidadão e a forma como seu nacionalismo extremo retrata o pensamento da sociedade europeia – sobretudo a irlandesa – no início do século XX. Em seguida, foi feita uma observação da forma como Bloom manifesta seu pacifismo em meio ao ambiente hostil do Barney Kiernan e como seus ideais são vistos por seus companheiros. Por fim, foi proposta uma leitura mais equilibrada, que considera o conflito temporal entre os princípios defendidos pelo Cidadão e seus companheiros e o humanismo de Bloom.

Palavras-chave: *Ulisses*. James Joyce. Ciclope. Nacionalismo. Moralidade.

Abstract: This work proposes a reading of the main moral themes of the twelfth chapter of *Ulysses* by James Joyce. Firstly, an analysis of the character of the Citizen was carried out, observing the way in which his extreme nationalism portrays the thinking of European society, especially the Irish one, at the beginning of the 20th century. Then, an observation of how Bloom manifests his pacifism in the midst of the hostile environment of Barney Kiernan was made, pointing out how his ideals are seen by his companions. Finally, a more balanced reading was proposed, considering the temporal conflict between the principles defended by the Citizen and his companions and Bloom's humanism.

Keywords: *Ulysses*. James Joyce. Cyclops. Nationalism. Morality.

¹ Programa de Pós-graduação em Letras - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - São José do Rio Preto - SP - E-mail: thais.roberto@unesp.br.

Introdução

Ao décimo segundo episódio de *Ulisses* foi atribuído, informalmente, o nome de “Ciclope” em vista de seus paralelos com o gigante homérico que enfrenta Odisseu e sua tripulação no canto IX da *Odisseia*. Em Joyce, “Ciclope” rompe a sequência do fluxo de consciência de Bloom que caracteriza os episódios anteriores, alternando para a narração em primeira pessoa de um personagem desconhecido que relata acontecimentos que ocorreram naquela tarde na taberna Barney Kiernan, no centro de Dublin. O episódio é marcado pela interrupção: assim como ele interrompe a continuidade dos capítulos sob a perspectiva de Bloom, o próprio narrador desconhecido é constantemente interrompido por pastiches - inserções no texto da narrativa que imitam ou ridicularizam diversas tradições textuais. Os pastiches – 33 no total – são marcados pelo exagero, muitas vezes ridicularizando suas temáticas por meio da hipérbole e do ridículo. No entanto, elas não se integram à narração em primeira pessoa do episódio; pelo contrário, elas destoam drasticamente do estilo narrativo do texto, fazendo com que o leitor tenha a impressão de que nem o narrador nem o autor possuem controle sobre as “intromissões”, como se houvesse uma terceira figura, externa ao texto, interrompendo a ação com suas colocações satíricas.

As possibilidades de análise do episódio “Ciclope” são inumeráveis. Mesmo cem anos após sua publicação, *Ulisses* segue sendo objeto de uma fortuna crítica em constante crescimento, sem que se possa prever um esgotamento das vertentes a serem exploradas a seu respeito. Deve-se ressaltar que, naturalmente, abarcar neste trabalho a totalidade dos temas presentes em “Ciclope” e dos detalhes que constituem o episódio seria impossível – e a mera tentativa, inviável. No entanto, este trabalho propõe uma leitura inicial dos temas sobressalentes do episódio: o nacionalismo, a intolerância e a moralidade.

Na primeira parte deste trabalho, foi realizada uma análise focada na figura do Cidadão e no papel que ele desempenha como representante do pensamento nacionalista que ganhava espaço na sociedade europeia no início do século XX. Com o apoio de autores como Bryan Yazell, em *Irish-Israelism: Reconsidering the Politics of Race and Belonging in "Cyclops"* (2016), Camelia Raghinaru, em *Nationalism and the Rationalization of Violence in Joyce's Ulysses, the "Cyclops" Episode* (2014), Eric Gilliland, em *The Cyclops and Nestor Episodes in James Joyce's Ulysses: a Portrait of European Society in 1904* (2012), e de trechos selecionados do texto de Joyce, o primeiro tópico deste trabalho apresenta uma leitura dos ideais nacionalistas defendidos pelo Cidadão e do que eles revelam a respeito do conceito de identidade nacional pelo qual o personagem vive.

Em seguida, foi feita uma análise de como o pacifismo de Bloom é apresentado ao longo do episódio, observando como o protagonista reage aos personagens à sua volta e como estes respondem à ideologia de Bloom. Com base nos textos de Ching-Ying Hsu, *Love and the Ethics of Subaltern Subjectivity in James Joyce's Ulysses* (2014), Ellsworth Mason, *James Joyce: Moralism* (1956), William York Tindall, *James Joyce, his way of interpreting the modern world* (1950), e Vincent Cheng, *Joyce, race, and empire* (1995), os trechos do episódio "Ciclope" que melhor representam o pensamento de Bloom foram relacionados com as ideologias predominantes da Europa pré-Primeira Guerra Mundial.

Finalmente, em vista das análises feitas até então e com base nos estudos de Susan de Sola Rodstein, em *Back to 1904: Joyce, Ireland, and Nationalism* (1998), Emer Nolan, em *James Joyce and Nationalism* (2002), e Andrew Gibson, em *Joyce's Revenge: History, Politics, and Aesthetics in Ulysses* (2002), foi proposta uma leitura equilibrada do episódio que não vitimiza Bloom nem vilaniza o Cidadão por completo, mas que considera os aspectos históricos que fundamentam a ideologia do Cidadão e as temporalidades conflitantes

representadas pelos personagens, dessa forma tentando abranger neste trabalho uma pequena porção da imensurável profundidade da maior obra literária escrita por James Joyce.

O nacionalismo do Cidadão em um retrato da Irlanda

O personagem do Cidadão tem sido comumente associado a Polifemo, o Ciclope de Homero, que dá nome ao décimo segundo episódio de *Ulisses*, e não sem razão: desde sua descrição mitológica e imponente nas primeiras páginas do episódio e ao decorrer dos acontecimentos dentro do *pub* Barney Kiernan, o Cidadão se assemelha cada vez mais ao gigante de um olho só que enfrenta Odisseu e seus homens na ilha dos ciclopes. No entanto, ao passo que o confronto entre Odisseu e Polifemo acontece a partir do sequestro e morte dos companheiros de Odisseu, o conflito entre Bloom e o Cidadão constrói-se a partir dos embates ideológicos e identitários entre os dois personagens.

O Cidadão é um irlandês extremamente nacionalista, antissemita e xenofóbico, cujas “[...] narinas deasaslargas, das quais se projetavam cerdas do mesmo avermelhado matiz, eram de uma tal amplidão que dentro de sua cavernosa obscuridade a calhandra do campo poderia com facilidade instalar seu ninho” (JOYCE, 2012, p. 417). Leopold Bloom, um judeu de jeito manso e crenças humanistas, representa tudo que o imponente antagonista despreza e, no Barney Kiernan, o Cidadão está acompanhado de amigos que compartilham de suas convicções. A linguagem utilizada por Joyce, tanto nos diálogos entre os personagens quanto em suas descrições, é repleta de termos e expressões que remetem ao grotesco e ao monstruoso, utilizando-se muitas vezes da brutalidade para mostrar, desde o início, que Bloom não estará entre amigos (Gilliland, 2012, p. 14). O episódio está repleto de falas antissemitas por parte

do Cidadão e de seus companheiros, como “[...] dizem que esses judeuzinhos têm lá um tipo de um cheiro estranho [...]” (Joyce, 2012, p. 426) e “[a]quilo ali é que é judeu! Olho maior que a barriga. Feliz que nem pinto no lixo.” (Joyce, 2012, p. 467), assim como críticas diretamente direcionadas a Bloom, como “se você pegasse uma merda de uma palhinha do chão e dissesse pro Bloom: Olha só, Bloom. Está vendo essa palhinha? Isso é uma palhinha. [...] ele ia falar da tal da palhinha uma hora inteira, ah se ia, e sem parar.” (Joyce, 2012, p. 440), “Deus salve a Irlanda dos semelhantes daquele desgraçado daquele verme. O senhor Bloom e o seu lerolero” (Joyce, 2012, p. 461), ou “[e] vocês chamam isso de homem?” (Joyce, 2012, p. 464). Conforme o tempo passa, os homens ficam cada vez mais embriagados, deixando comentários maldosos e preconceituosos de todos os tipos preencherem a conversa animada no bar.

Embora Bloom não esteja presente durante as primeiras páginas do episódio, quando o protagonista chega ao bar, o ambiente hostil já está estabelecido e Bloom imediatamente torna-se o alvo de estereótipos raciais e insultos proferidos pelos outros clientes no Barney Kiernan. Ainda que, em parte, o conflito entre Bloom e os outros homens aconteça porque Bloom se recusa a beber junto a eles e, mais notavelmente, a pagar uma rodada de bebidas a todos após ter (supostamente) ganhado uma grande quantia em apostas, as diferenças sociais representadas e reafirmadas por Bloom são o que de fato leva o Cidadão à violência. Para muitos autores, o tratamento agressivo que Bloom recebe ao longo do episódio revela muito sobre o cenário político e cultural da Irlanda e da sociedade europeia no início do século XX, sobretudo a respeito das crenças nacionalistas que ganhavam força na época.

O cerne do nacionalismo, isto é, o orgulho da própria cultura e identidade nacional, não possui nenhuma conotação inerentemente negativa. Contudo, o termo é mais comumente associado às representações mais

extremistas do sentimento de nacionalismo, que costuma resultar em ignorância, preconceito e, em muitos casos, violência. Camelia Raghinaru (2014, p. 102, tradução nossa)² afirma que “[o] nacionalismo conta com o surgimento da consciência nacional supramoral, cuja capacidade de professar o direito ao poder o coloca na posição única de exigir obediência”. A autora completa que, paradoxalmente, a mesma violência que funciona como moeda do sistema de justiça (justificada como força operacional) se torna uma ofensa dentro desse mesmo sistema, quando praticada como atos de transgressão à lei. Ao passo que promete proteção contra a violência, mas a perpetua através de suas reivindicações de pureza, o pós-colonialismo nacionalista conclui o trabalho dos opressores coloniais. Além disso, a autora ressalta que “[a] punição legal consegue tudo, menos a inibição da violência no criminoso e na comunidade. De fato, quando executado pela justiça, o castigo fortalece a resistência e a rebelião” (Raghinaru, 2014, p. 104, tradução nossa)³. Esse nacionalismo extremista é a vertente representada pelo Cidadão em “Ciclope”.

Para Gilliland (2012, p. 16), o décimo segundo episódio, escrito pouco tempo após o fim da Primeira Guerra Mundial, é um estudo de suas origens. Segundo o autor, o episódio é uma representação das causas latentes que levaram à Guerra e do costume de atribuir a culpa do conflito a um único país, e as sátiras a respeito de racismo e nacionalismo presentes no episódio ecoam crenças populares no cenário atual. Como afirma Gilliland, essa mentalidade explorada por Joyce costuma nascer de questões históricas não-resolvidas que resultaram em uma sensação de injustiça que intensificou a xenofobia e o racismo entre os irlandeses. Uma vez refugiado nesse patriotismo exacerbado, o Cidadão, assim como muitos outros irlandeses de classe média insatisfeitos,

² Nationalism banks on the emergence of the supra-moral national conscience, whose ability to profess the right to power places it in the unique position to demand obedience.

³ Legal punishment achieves everything but the inhibition of violence in the criminal and the community. In fact, when executed by the justice system, punishment strengthens resistance and rebellion.

refugia-se nos mitos das glórias passadas de sua nação ao invés de buscar soluções realistas para os problemas da Irlanda e da Europa (Gilliland, 2012, p. 17). Para o autor,

Essa visão fantástica da história alimentou a raiva de uma classe média que se sentia presa por sua própria história. Ao criar uma visão excessivamente romantizada do passado e popularizá-la entre as classes médias, as nações marcharam voluntariamente para a guerra e se afastaram das vozes da razão como a de Bloom (Gilliland, 2012, p. 17, tradução nossa)⁴.

Em seu artigo *Irish-Israelism: Reconsidering the Politics of Race and Belonging in 'Cyclops'* (2016), Bryan Yazell aponta que a percepção de Bloom por parte do Cidadão revela o preconceito já existente causado pela perspectiva limitada do personagem. Ao dirigir seu olhar para Bloom – um representante da alteridade judaica – e elegê-lo como o sujeito de seu discurso, o Cidadão afasta seu olhar de outros personagens ali presentes que poderiam, tão facilmente como Bloom, ser os alvos de sua hostilidade, como Martin Cunningham. Assim, essa fixação deliberada em um único sujeito, afirma Yazell (2016), revela tanto sobre o observador quanto aquele que é observado.

Enquanto personificação da identidade judaica na narrativa de *Ulisses*, Bloom torna-se, então, o ponto de referência do Cidadão e dos outros clientes do bar. Embora o episódio apresente um cenário de segregação nacional, os homens ao redor de Bloom presentes no Barney Kiernan se unem em uma forma de identidade nacional espontânea (Yazell, 2016). Dessa forma, enquanto a princípio tem-se a impressão de que a retórica nacionalista do Cidadão é o fio condutor que une a comunidade do bar, logo percebe-se que quem norteia o comportamento dos presentes é, na verdade, Bloom. Em outras palavras,

⁴ This fantastical view of history fueled the rage of a middle-class who felt trapped by its own history. By creating an over-romanticized view of the past and popularizing it among the middle-classes, nations willingly marched off to war and turned away from the voices of reason like Bloom's.

O Cidadão encontra em Bloom um correspondente corpóreo dessa figura retórica, cujo status de figura marginal típica fornece um ponto de referência compartilhado para os homens no bar. Com este gesto, Bloom serve como força de ligação para o grupo coletivo de espectadores. Sob essa luz, algo semelhante a uma comunidade nacional surge na medida em que Bloom incorpora a identidade etnocultural que, neste caso, falta à nação irlandesa. Se o discurso mítico de Israel ajuda a moldar a retórica do Cidadão, seus ataques à pessoa de Bloom conseguiu temporariamente unir os frequentadores dos pubs sob abandeira do nacionalismo irlandês. (Yazell, 2016, p. 276, tradução nossa)⁵

A identidade nacional compartilhada pelos homens do Barney Kiernan, no entanto, é fraca. Bloom assume o papel do “outro” em razão de suas características facilmente diferenciáveis, resultado da incapacidade do Cidadão e de seus companheiros de separar os conceitos de origem racial e filiação nacional. É essa ideia equivocada que Bloom, de forma um tanto ambígua, desajeitada e, à primeira vista, inconclusiva, tenta questionar quando John Wyse o interroga, perguntando o que ele acredita ser o significado de “nação”:

O Bloom estava falando sem parar com o John Wyse e todo empolgadinho com aquela careta cordeburroquando foge lá dele e com o olho de ameixa revirando.

— Perseguição, ele falou, toda a história do mundo está cheia de perseguição. Perpetuando o ódio nacional entre as nações.

— Mas e você sabe o que significa uma nação? o John Wyse falou.

— Sei, o Bloom falou.

— E o que é? o John Wyse falou.

— Uma nação? o Bloom falou. Uma nação é o mesmo povo vivendo no mesmo lugar.

— Santo Deus, então, o Ned falou, rindo, se é assim eu sou uma nação porque eu estou morando no mesmo lugar tem cinco anos. Aí é claro que todo mundo riu da cara do Bloom e ele falou, tentando sair da esparrela:

⁵ The Citizen finds in Bloom a corporeal analogue to this rhetorical figure, one whose status as the typical outsider figure provides a shared point of reference for the men in the pub. With this gesture, Bloom serves as the binding force for the collective group of onlookers. In this light, something resembling a national community comes together insofar as Bloom embodies the ethno-cultural identity that the Irish nation otherwise lacks in this case.¹⁸ If the mythic discourse of Israel helps shape the Citizen’s rhetoric, his attacks on the person of Bloom temporarily succeed in uniting the pub-goers under the banner of Irish nationalism.

- Ou vivendo em lugares diferentes também.
 - O que já cobre o meu caso, o Joe falou.
 - Qual é a sua nação se você não incomoda? o cidadão falou.
 - A Irlanda, o Bloom falou. Eu nasci aqui. A Irlanda.
- O cidadão não disse nada só limpou o cuspe da goela e, cruze, cuspiu uma ostra afrodisíaca que saiu lá do fundo dele bem prum cantinho do bar. (Joyce, 2012, p. 456)

A ideia de nação defendida pelo Cidadão se fundamenta em uma combinação de raça e identidade nacional, enquanto a nação em que Bloom acredita, que pode ser “[...] o mesmo povo vivendo no mesmo lugar [...] ou vivendo em lugares diferentes também”, separa por completo a identidade étnica da noção de cidadania. “Ao equiparar pureza racial com participação cívica”, diz Yazell (2016, p. 278, tradução nossa)⁶, “o Cidadão constrói linhas puramente imaginadas de parentesco racial”. No entanto, uma similaridade fictícia definida a partir de uma relação de alteridade racial não estabelece uma base estável para a formação de uma identidade nacional; quando não há um traço comum definido, essa identidade e, portanto, sua comunidade, se desfazem.

A definição de “nação” sugerida por Bloom é recebida pelos outros personagens com zombaria, mas é precisamente a ambiguidade nela contida que reflete os aspectos mais sutis da formação de uma nação. Afinal, um indivíduo não abre mão de sua nacionalidade quando está vivendo em outro país: ele se torna parte da comunidade do outro país em questão. Assim, uma nação é constituída por uma comunidade heterogênea, de forma que um mesmo indivíduo possa fazer parte de mais de uma identidade nacional. Bloom, então, reafirma a identidade irlandesa daqueles que, como ele, nasceram dentro dos limites territoriais da Irlanda e idealiza um conceito de

⁶ By equating racial purity with civic participation, the Citizen constructs purely imagined lines of racial kinship.

afiliação nacional que abrange questões além da localização geográfica. Yazell (2016, p. 279, tradução nossa)⁷ resume:

[a definição de Bloom] considera diversas permutações dos cidadãos irlandeses que atualmente (e podem possivelmente) habitar a terra irlandesa. Bloom, portanto, evita o erro temporal do Cidadão de usar raça para olhar para o passado, para uma história nacional fictícia e imaginada como base para produzir uma comunidade soberana no presente. Sob essa luz, pode-se ver facilmente como essa representação inclusiva da nacionalidade coloca ainda mais em risco a conceituação do Cidadão do povo irlandês ao descentralizar a raça como a cola da sociedade civil.

O pacifismo anacrônico de Leopold Bloom

Enquanto o nacionalismo agressivo do Cidadão é um retrato do pensamento que levou a Europa à Primeira Guerra, Joyce dá a Bloom o papel de defensor dos valores humanistas em meio à violência normalizada no Barney Kiernan. Em virtude de sua implacável defesa da generosidade e do amor universal apesar da hostilidade à sua volta, Bloom consolida-se como voz de razão e esperança em um ambiente e contexto histórico em que tais traços eram vistos como sinais de fraqueza e emasculação, ao passo que a brutalidade e a intolerância eram celebradas e estimuladas.

O contraste entre Bloom e o Cidadão pode ser notado na diferença entre as descrições dedicadas a cada personagem; ao contrário da longa, detalhada e imponente descrição do Cidadão como um ser mitológico, Bloom é descrito de maneira muito mais breve e moderada: “Quem vem pela terra de Michan, armado de negras couraças? O’ Bloom, o filho de Rory: é ele. Império

⁷ In short, his definition accounts for diverse permutations of the Irish citizenry that presently (and might possibly) inhabit the Irish land.²² Bloom therefore avoids the Citizen’s temporal error of using race to look backward to a fictive, imagined national history for the basis to produce a sovereign community in the present. In this light, one easily sees how this inclusive rendering of nationality further puts the Citizen’s conceptualization of the Irish people at risk by decentering race as the glue of civil society.

ao temor é o filho de Rory: o de alma prudente” (Joyce, 2012, p. 418). A conversa entre os companheiros do bar prossegue, e o narrador desconhecido brevemente relata uma das primeiras vezes em que Bloom se opõe à violência durante uma discussão sobre pena de morte: “Aí eles começaram a falar da pena capital e é claro que o Bloom me aparece com o por quê e o pra quê e toda a peixemortice do negócio todo [...]” (Joyce, 2012, p. 426).

As manifestações de humanidade de Bloom são, a princípio, recebidas com desprezo pelo narrador e seus amigos, como acontece novamente quando, em meio a uma discussão sobre o tratamento de animais em fazendas, Bloom fala em favor de “[m]étodos humanitários. Porque os coitados dos bichinhos sofrem e os especialistas dizem e o melhor remédio que se conhece que não provoca dor no animal e no ponto ferido administrar com cuidado” (Joyce, 2012, p. 438), ou mais tarde quando Bloom se mostra contrário até a esportes violentos como o boxe: “E lógico que o Bloom tinha que meter a sua colherzinha torta também que se o sujeito tinha coração fraco exercício violento fazia mal” (Joyce, 2012, p. 439).

Embora Bloom perceba o ambiente hostil à sua volta, ele resiste às primeiras provocações que sofre do Cidadão, fingindo que não o ouve e abstendo-se de uma resposta: “Muito bonito isso, o cidadão falou, fiquem vindo aqui pra Irlanda pra encher o país de carrapato. Aí o Bloom faz que não ouviu nada e começa a conversar com o Joe [...]” (Joyce, 2012, p. 447). Bloom resiste às investidas do Cidadão mesmo poucos momentos depois, quando, além de amaldiçoar os estrangeiros em seu país, o Cidadão ainda toca na ferida da traição de Molly:

— Os estrangeiros, o cidadão falou. E a culpa foi nossa. Nós deixamos eles entrarem. Nós trouxemos eles todos pra cá. A adúltera e o seu benhamado trouxeram os ladrões saxões pra cá.

— Decreto *nisi*, o J.J. falou.

E o Bloom fazendo que estava imensamente profundamente interessado em coisa nenhuma, uma teia de aranha num canto atrás do barril, e o cidadão fechando a cara pra ele e o cachorro velho deitado perto dele olhando pra cima pra saber quem é que ia morder e quando.

— Uma esposa desonrada, o cidadão falou, essa que é a causa de todos os nossos infortúnios. (Joyce, 2012, p. 448)

Conforme o Cidadão continua seu fervoroso discurso contra os ingleses, Bloom o repreende na forma da referência bíblica mais explícita do episódio: “Tem gente, o Bloom falou, que repara no cisco no olho dos outros mas não consegue ver a trave que está no seu próprio olho” (Joyce, 2012, p. 450). No evangelho de Mateus 7:3, lê-se: “Por que reparas tu o cisco no olho de teu irmão, mas não percebes a viga que está no teu próprio olho?” Como aponta William Tindall (1959, p. 190, tradução nossa)⁸, em nenhum outro episódio o tema moral de *Ulisses* é mais evidente: “O conflito em Barney Kiernan é o conflito de ódio com amor, de desumanidade com humanidade, e de compaixão com indiferença ou malícia. Na qualidade de Elias, Jesus e Deus, Bloom encarna e defende tudo o que está se opõe ao seu entorno.”.

Na medida que a atmosfera no bar fica menos favorável a Bloom e as falas do Cidadão e de seus amigos ficam cada vez mais explicitamente violentas, Bloom não recua em defender suas crenças. Ao invés disso, ele também passa a se expressar de maneira mais assertiva e explicitamente pacifista. Ao abordarem o tópico da disciplina da marinha inglesa, Bloom questiona o uso de violência como resposta à violência, o que leva o Cidadão a responder com uma fala permeada pela vingança e seu pelo extremo nacionalismo:

⁸ Nowhere else in *Ulysses* is its moral theme more explicit or more evident. The conflict in Barney Kiernan's is the conflict of hate with love, of inhumanity with humanity, and of compassion with indifference or malice. In his capacity of Elijah, Jesus, and God, Bloom embodies and defends all that is opposite his surroundings.

— Mas, o Bloom falou, disciplina não é a mesma coisa em qualquer lugar? Quer dizer, não ia ser a mesma coisa aqui se vocês respondessem à violência com mais violência?

Não falei? Tão certo como dois e dois são quatro até se ele estivesse estrebuchando ele ia tentar te convencer que morrer era viver.

— Nós vamos responder com mais violência, o cidadão falou. Nós temos a nossa Irlanda Maior de além mar. (Joyce, 2012, p. 454)

Embora tal ideologia pacifista pareça inevitável vinda de um sujeito como Leopold Bloom, esse tipo de discurso seria extremamente incomum no início do século XX e causaria estranhamento em grande parte da população. Para um mundo que ainda não havia vivido os horrores da Primeira Guerra Mundial, uma defesa tão enfática da paz e da tolerância fugia completamente da tradição de exaltação aos feitos militares. Esse credo nazareno e tolstoiano que questiona a ideia de responder à violência com mais violência é, para Caetano Galindo (2016), uma das maiores verdades enunciadas por Bloom e a gota d'água que instaurou o caos pelo restante da tarde no Barney Kiernan.

É o humanismo implacável, mesmo à frente de um adversário como o Cidadão, que configura, possivelmente, o traço mais heroico de Leopold Bloom. Ele permanece sereno e inalterável em suas crenças, sem ceder às provocações e ofensas que sofre o tempo todo, se tornando um modelo de resistência pacífica à injustiça e intolerância. Mesmo quando é interrompido, Bloom retoma sua fala e continua sua colocação: “Perseguição, ele falou, toda a história do mundo está cheia de perseguição. Perpetuando o ódio nacional entre as nações” (JOYCE, 2012, p. 456). O que torna o discurso de Bloom ainda mais notável, aponta Gilliland (2012, p. 20, tradução nossa)⁹ é que “Bloom não tem absolutamente nenhuma influência entre os homens da taverna. Depois que ele sai, eles questionam sua masculinidade e fazem comentários

⁹ What makes the statement even more noteworthy is that Bloom has absolutely no influence among the men in the tavern. After he leaves they question his manhood and make snide anti-Semitic remarks; to them, Bloom is a joke.

antisemitas sarcásticos; para eles, Bloom é uma piada”. O Cidadão, antes de atacar Bloom fisicamente, chega a sonhar em assassinar Bloom, alegando ser “uma ação de divina misericórdia pegar um merdinha desses e jogar no fundo do mar. Homicídio justificável” (Joyce, 2012, p. 464).

Essa passagem, embora superficialmente cômica no contexto que provém da frustração do Cidadão pela recusa de Bloom a pagar bebidas para seus companheiros, também

aponta para o movimento do nacionalismo de uma celebração o Estado como defensor das liberdades individuais como na ideia original de Roussau para aquele que usava o orgulho nacional para menosprezar outras culturas. Bloom em “Cyclops” ocupa o papel de um forasteiro arquetípico e serve como defensor das raízes humanísticas do Iluminismo que celebravam a liberdade individual. (Gilliland, 2012, p. 20, tradução nossa)¹⁰

Continuando sua fala a respeito de perseguição, Bloom lembra os homens à sua volta que os irlandeses não são os únicos sendo perseguidos e se reafirma como parte de uma raça que é vítima do ódio e da injustiça. Enfim, quando incitado por John Wyse a enfrentar a injustiça com vigor, Bloom finalmente chega à máxima que vem defendendo até então:

— E eu também pertenço a uma raça, o Bloom falou, que é odiada e perseguida. Ainda hoje. Agora mesmo. Neste mesmo instante.

[...]

— Roubada, ele falou. Pilhada. Insultada. Perseguida. Tomando o que é nosso por direito. Agora mesmo, ele falou, erguendo o punho, vendidos em leilão no Marrocos como escravos ou gado.

— Por acaso você está falando da nova Jerusalém? o cidadão falou.

— Eu estou falando de injustiça, o Bloom falou.

¹⁰ On the surface this is a darkly comic passage that highlights the citizen’s anger at Bloom’s refusal to buy drinks for the rest of the patrons, but in the context of the present argument it points to the movement of nationalism from one of celebrating the state as a defender of individual freedoms as in Roussau’s original idea to one that used national pride to belittle other cultures. Bloom in “Cyclops” occupies the role of an archetypal outsider and serves as defender of the humanistic roots of the Enlightenment that celebrated individual freedom.

— Certo, o John Wyse falou. Enfrentem então a injustiça com vigor, como homens.

[...]

— Mas não adianta, ele falou. Força, ódio, história, isso tudo. Isso não é vida pros homens e mulheres, ódio e xingamento. E todo mundo sabe que é exatamente o contrário disso que é a vida de verdade.

— O quê? o Alf falou.

— Amor, o Bloom falou. Ou seja, o contrário do ódio. (Joyce, 2012, p. 457-8)

Esse é o episódio que Joyce utiliza como veículo para expressar de forma enfática a ideia de amor universal através de Bloom como voz da razão, fazendo seu diálogo sereno e pacifista entrar em contraste não só com as falas agressivas dos homens à sua volta mas também do sarcasmo frequentemente presente nos pastiches que interpolam a ação. No entanto, o forte ideal de amor ao próximo propagado por Bloom ainda permanece, sobretudo, no reino das ideias (Hsu, 2014). Além das demonstrações de paciência por parte de Bloom e sua presença no bar por uma causa digna (Bloom foi ao encontro de Cunningham e Power a fim de estabelecer uma organização de caridade para a família Dignam), pouco se vê no que diz respeito a manifestações de humanismo. Como mencionado anteriormente, apesar dos esforços de Bloom, suas palavras não tocam os corações do Cidadão e de seus amigos; pelo contrário: sua resistência inflama a atitude agressiva dos personagens até a culminação no ataque do Cidadão a Bloom enquanto este finalmente se retira. Mesmo assim, o mérito de Bloom não é nem um pouco menor. Hsu. (2014, p. 24, tradução nossa) afirma:

É fundamental para um único sujeito como Bloom contribuir com seu amor singular para cumprir o mandamento universal do amor. Sem que o sujeito assuma sua responsabilidade ética de amor, o mandamento não passa de letras mortas, monumentos linguísticos deixados em decadência e escárnio, corrompidos e escarnecidos nas invectivas dos cidadãos embriagados de Dublin¹¹.

¹¹ It is pivotal for a single subject like Bloom to contribute his singular love to fulfill the universal commandment of love. Without the subject taking charge of his ethical responsibility of love, the commandment is nothing more than dead letters, linguistic monuments left in decay and derision, corrupted and mocked in the invectives of the drunken citizens of Dublin.

Bloom ausenta-se brevemente da conversa e, quando retorna, o Cidadão, mais furioso que nunca, tenta atacá-lo enquanto Martin Cunningham e Jack Power levam-no para fora do bar e um cliente do bar com uma venda no olho (em mais uma referência à imagem do Ciclope homérico) dirige a Bloom uma paródia de uma música popular nos Estados Unidos na época que empregava termos fortemente racistas (“Se o homem da lua fosse judeu, judeu, judeu [...]”, Joyce, 2012, p. 468) e, finalmente, Bloom, já frustrado com os acontecimentos da tarde, deixa de lado o discurso brando que mantinha até então e defende sua herança judaica de forma mais combativa:

— Mendelssohn era judeu e Karl Marx e Mercadante e Spinoza. E o Salvador era judeu e o pai dele era judeu. O seu Deus!

[...]

— O Deus de quem? o cidadão falou.

— Bom, o tio dele era judeu, ele falou. O seu Deus era judeu. Cristo era judeu como eu.

E, juro, o cidadão pulou de volta pra dentro o bar.

— Eu juro por Deus, ele falou, eu vou arrancar os miolos desse bosta desse judeuzinho por usar o santo nome. Juro por Deus, eu vou crucificar ele, ah se vou. Dá lá aquela lata de biscoito. (Joyce, 2012, p. 468-9)

Nesse contexto, Bloom iguala-se a Jesus não apenas em sua pregação de amor universal, mas também no que diz respeito à identidade judaica: assim como Jesus, Bloom é, ao mesmo tempo, judeu e não-judeu, oprimido e martirizado por sua identidade. A identidade judaica híbrida de Bloom apresenta uma forma alternativa de ser judeu. Como um judeu batizado de origem húngara e irlandesa, Bloom se torna uma representação do “judaísmo não-judaico” e do hibridismo cultural e racial que era comum aos judeus europeus assimilados, consequentemente colocando em questão a dicotomia entre pureza e alteridade (Hsu, 2014, p. 213).

Embora Bloom esteja apenas parcialmente correto em sua fala (Mercadante não era judeu e Cristo não tinha pai), sua intenção é perfeitamente captada pelos ouvintes, provocando uma profunda ira no Cidadão que, tomado pela raiva, rompe com um dos principais mandamentos de sua própria religião, tomando o nome de Deus em vão enquanto jura crucificar Bloom, assim como os judeus fizeram com o Cristo que tanto defende. Com isso, o Cidadão, involuntariamente, comprova a fala de Bloom sobre ver o cisco no olho dos outros mas a trave no seu próprio olho, ilustrando de forma “maravilhosamente concisa da miopia ciclópea de binaridades polarizadas” (Cheng, 1995, p. 214, tradução nossa).¹²

A visão de Bloom, portanto, subverte a polarização defendida pelo Cidadão: ao reafirmar o amor como princípio universal da vida, Bloom desencadeia no Cidadão a reação oposta, reafirmando o ódio como seu princípio vital em nome do mesmo Deus. A facilidade com a qual o Cidadão se incomoda com provocações de origem religiosa demonstram, ainda, a forma como o nacionalismo e a religião frequentemente se confundem em um só pensamento e se utilizam mutuamente para perpetuar um ao outro (Raghinaru, 2014, p. 108).

O pastiche final do episódio relata, se utilizando da linguagem bíblica, o momento surreal em que Bloom parte do Barney Kiernan e ascende aos céus na figura de Elias, o profeta de Israel perseguido por profetizar contra os reis. No trecho, o surrealismo que até então interrompia os acontecimentos do bar por meio das interpolações se integra totalmente à ação do episódio, unificando o real e o fantástico e transformando Bloom em Messias, enquanto sua carruagem deixa a rua do bar e sobe aos céus como se atirada de um estilingue:

¹² It is a wonderfully concise illustration of the cycloptic myopia of polarized binarities.

Quando eis que surgiu sobre eles grande esplendor e contemplaram a ascensão até aos céus da carruagem em que Ele estava. E contemplaram-no na carruagem, trajando a glória do esplendor, vestido como o sol, belo como a lua e tão formidável que, apavorados, não ousavam olhar direto sobre Ele. E veio dos céus uma voz, que chamava: Elias! Elias! e ele respondeu com potente brado: Abba! Adonai! E eles O contemplaram, Ele Próprio, ben Bloom Elias, por entre nuvens de anjos ascender à glória do esplendor em um ângulo de quarenta e cinco graus por cima do bar do Donohoe na Little Green Street que nem uma pedrada de estilingue. (Joyce, 2012, p. 472)

Tendo em vista as questões apontadas neste tópico, parece inevitável que o tema principal em “Ciclope” seja o embate entre o amor ao próximo e o nacionalismo extremo. Mesmo sem conseguir comover o Cidadão e seus amigos com seus ideais de paz e generosidade, a mensagem de Bloom toca o leitor e se fortalece com o passar das páginas, culminando na sua ascensão como mensageiro do amor. Como lembra Hsu (2014, p. 241, tradução nossa),¹³ “[a] aspiração do amor universal é invocada quando a justiça poética permite a sobrevivência de um Messias escarnecido, encarnado em Bloom, que defende o amor em confronto com seus semelhantes xenófobos.”

Ainda que o jeito manso de Bloom possa fazê-lo parecer, às vezes, inocente ou tolo, é natural admirar a imensa coragem que demonstra durante seu encontro com o Cidadão. Em vez de tolo, Bloom mostra-se extremamente sábio em meio à ignorância generalizada que permeia a cultura de seus compatriotas no início do século XX, tendo em sua generosidade a maior virtude que o distingue dos seus companheiros. Mesmo após sofrer inúmeras provocações, ofensas e ataques, ele permanece inabalável em sua prática do amor ao próximo, provando que, apesar das constantes investidas contra sua masculinidade, Bloom tem toda a força e coragem que um indivíduo deve ter, porém sem a violência que o corrompe. Nas palavras de Mason (1956, p. 205,

¹³ The aspiration of universal love is invoked when poetic justice allows the survival of a mocked Messiah, embodied in Bloom, who advocates love in confrontation with his xenophobic fellowmen.

tradução nossa),¹⁴ “[a] generosidade de seu coração é a fonte do livro e de seu mundo. Embora todo o resto possa estar errado, não pode ser negado; o amor do homem é o cerne de sua força e de sua grandeza”.

Considerações finais

Como discutido até então, o conflito que se desenrola no Barney Kiernan é comumente lido como um conflito de amor contra ódio, de razão contra insensatez, de paz contra violência, entre outros dualismos, sendo Bloom o representante de tudo que é bom e o Cidadão o representante de tudo que é mau. Embora uma primeira impressão do episódio leve o leitor a tal conclusão, muitos pesquisadores apontam que tal leitura é demasiadamente reducionista e deixa de considerar, sobretudo, a verdadeira natureza multidimensional do personagem do Cidadão. Gilliland (2012) ressalta que, apesar da agressividade que costuma ofuscar seu discurso, as alegações do Cidadão se baseiam em fatos históricos como a Grande Fome que tomou conta da Irlanda entre os anos de 1845 e 1849, a corrupção de proprietários de terra, entre outras injustiças que afetaram a população irlandesa. Assim como outros movimentos nacionalistas que tendem a desenvolver uma mitologia própria, ocultando detalhes da história que possam desfavorecer a causa, o Cidadão se torna agente de um discurso violento que apoia a violência, o preconceito e o militarismo, transformando o oprimido em opressor, como era perfeitamente comum em sua época. Já o discurso de Bloom, que defende a resistência pacífica contra qualquer forma de perseguição, embora digno de mérito, não leva em conta as relações de poder operantes entre a Inglaterra e a Irlanda e condena os

¹⁴ His generosity of heart is the welling fount of the book and of his world. Though everything else may be wrong, it cannot be quenched; man’s love is the core of his strength and of his greatness.

nacionalistas irlandeses por reagirem à violência britânica da única forma que sua impotência tornou possível (Nolan, 2002, p.101).

Assim, embora uma leitura do Cidadão como um nacionalista obstinado que não enxerga além do próprio preconceito seja possível, negar certo grau de legitimidade a algumas de suas falas e o caminho histórico que o levou até ali seria reafirmar o próprio estereótipo irlandês que a cultura inglesa tentava promover. Como lembra Nolan (2002, p. 104), seria improdutivo e inconsistente interpretar a narrativa de Joyce como uma simples representação da barbárie dos irlandeses e, ainda que certos traços grotescos acompanhem o retrato do Cidadão ao longo da narrativa de “Ciclope”, seria injusto tanto ao personagem quanto à profundidade da obra de Joyce reduzi-lo de maneira tão simplista. Muitos críticos apontaram, ainda, que a visão defendida pelo Cidadão coincide em parte com algumas das primeiras publicações jornalísticas de Joyce, embora isso não queira dizer que se deve presumir que isso legitima as crenças do Cidadão. Pode-se, no entanto, supor que há no Cidadão uma representação das crenças do Joyce do passado e em Bloom uma representação das crenças de Joyce no momento da escrita de *Ulisses*. Como diz Andrew Gibson (2002, p. 124, tradução nossa):

O ponto crucial é que Joyce entende o cidadão (historicamente), ao invés de julgá-lo, e convida a uma certa compreensão dele ao colocá-lo em um contexto discursivo particular. [...] Joyce reconhece até que ponto [...] a visão da história do cidadão conforme articulada em 'Ciclope' é uma extensão e condicionada pela visão da história tão frequentemente esboçada nas 'paródias'¹⁵.

¹⁵ The crucial point is that Joyce understands the citizen (historically), rather than judging him, and invites a certain understanding of him by placing him in a particular discursive context. To return to my point about the twin uses of a single strategy: Joyce recognizes how far, like Griffith's, the citizen's view of history as articulated in 'Cyclops' is an extension of and conditioned by the view of history so frequently adumbrated in the 'parodies'.

Dessa forma, o conflito do décimo segundo episódio pode ser lido como um conflito temporal: a visão nacionalista do Cidadão é imprópria para o mundo pós-Primeira Guerra assim como os ideais humanistas de Bloom nascidos em 1919 são incongruentes com o início do século. A alteridade de Bloom que, para os personagens da narrativa, se manifesta através de sua identidade híbrida, para o leitor se apresenta através de seus ideais anacrônicos vindos de um futuro que os habitantes de Dublin de 1904 não poderiam imaginar. Rodstein (1998, p. 178) defende que é justamente a obsolescência do Cidadão que o torna tão central para o episódio e gera no personagem certo tom patético, fazendo com que os pensamentos anteriores de Joyce sejam o alvo de sua própria sátira, pois “pode-se procurar mais e encontrar paralelos para quase todos os pontos que o Cidadão faz nos ensaios em prosa de Joyce sobre a Irlanda” (Rodstein, 1998, p. 178, tradução nossa)¹⁶.

Assim, o episódio “Ciclope” não pode ser resumido nem à “estagnação” irlandesa nem ao “progresso” inglês. Em vez disso, o produto final unifica o passado e o futuro, contendo em cada um dos seus dois personagens principais uma representação de ideologias que não coexistiam no início do século XX, mas coexistem atualmente, um século após o lançamento da obra. O episódio “Ciclope” tem sido extensivamente discutido nesse tempo, em análises que abrangem desde as diferentes linguagens que compõem o texto, sua estrutura narrativa que difere tão drasticamente dos outros episódios do livro, seus paralelos homéricos e, como foi apresentado de maneira breve aqui, sua representação de um contexto histórico e seu papel como centro moral de *Ulisses*. A atualidade da obra de Joyce é inegável e o diálogo sobre perseguição e intolerância que o autor retrata em “Ciclope” parece especialmente pontual nos dias de hoje. Embora Joyce mostre que, ao final do episódio, o pacifismo

¹⁶ But one could look further and find parallels for almost every point the Citizen makes in Joyce's prose essays on Ireland.

progressista de Bloom em nada altera o pensamento dos dublinenses mais nacionalistas presentes no bar, há muito o que se aprender a partir das reflexões sobre nação, pertencimento e perseguição que pintam o cenário da tarde de 16 de junho de 1904 no Barney Kiernan.

Referências

CHENG, Vincent. What is a nation? In. CHENG, Vincent. *Joyce, race, and empire*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 1995.

GALINDO, Caetano. *Sim, eu digo sim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GIBSON, Andrew. *Joyce's revenge: history, politics, and aesthetics in Ulysses*. New York: Oxford University Press, 2002.

GILLILAND, Eric. *The Cyclops and Nestor Episodes in James Joyce's Ulysses, a Portrait of European Society in 1904*. 2012. Dissertação - The College of Arts and Sciences of the University of Dayton, 2012. Disponível em: https://etd.ohiolink.edu/apexprod/rws_etd/send_file/send?accession=dayton1335916622&disposition=inline. Acesso em: 20 jan. 2023.

HSU, Ching-ying. *Love and the Ethics of Subaltern Subjectivity in James Joyce's Ulysses*. 2014. Tese - Durham University, 2014. Disponível em: <http://etheses.dur.ac.uk/10736/>. Acesso em: 19 jan. 2023.

JOYCE, James. *Ulysses*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.